



Maria Aurora

PRÉMIO

**MUNICIPAL
IGUALDADE DE GÉNERO**

2020



Autora

Kelly Tozarin dos Santos
Damasceno

**“A responsabilidade
da mulher e do homem
na criação de uma sociedade
mais igualitária”**

A responsabilidade da mulher e do homem na criação de uma sociedade mais igualitária

Desde pequena sempre fui muito curiosa e questionadora. Fazia perguntas inconvenientes, que em minha opinião, quase nunca eram respondidas de maneira satisfatória, e ainda, na intenção de sufocarem minha curiosidade, quase sempre vinham seguidas de uma reprimenda pela minha ousadia.

Meus pais chegavam juntos do trabalho e a primeira coisa que ele fazia era tirar os sapatos e meter-se em chinelas. Acendia um cigarro, sentava-se na poltrona de sempre e punha-se a relaxar com um jornal ou ligava a televisão. Minha mãe, por sua vez, também punha-se em chinelas, mas não se sentava, corria para a cozinha e punha-se a cortar legumes, cozinhar o jantar e preparar as marmitas para o dia seguinte. Colocava as roupas de molho para lavá-las mais tarde, tirava as que já estavam secas do varal e dobrava-as. Meus irmãos e eu ajudávamos muito pouco, pois éramos crianças. Fazíamos tarefas pequeninas, como colocar o lixo na calçada e os pratos na mesa. Meu pai levantava-se da poltrona quando o jantar estava pronto e à mesa.

Um dia resolvi perguntar a ele, por que não ajudava minha mãe com as tarefas domésticas? Afinal ele era alto, poderia tirar as roupas do varal facilmente, era forte e podia esfregar as roupas, para ela poder sentar-se um pouco, depois do jantar, pois ela também estava cansada. A pergunta saiu espontânea e displiscente. Eu tinha uma ideia simplista de hierarquia, uma visão dualista: adulto-criança, não tinha conhecimento da complexidade das forças que ali atuavam e sinceramente achava que minha pergunta tratava-se apenas de uma questão de lógica e nada mais.

Percebi a repreensão no olhar de minha mãe e em seguida o desconforto causado pela minha pergunta ao ver suas bochechas coradas e as manchas vermelhas que sempre apareciam-lhe no pescoço em situações de tensão. Meu pai calmamente, mas com um tom muito grave, respondeu-me que essas tarefas eram das mulheres, elas que tinham a obrigação de cuidar dos filhos, do marido e da casa. E que eu deveria observá-la e aprender com ela, para quando chegasse minha vez, eu soubesse de minhas obrigações. Por hora, deveria aprender a comportar-me como uma mocinha. Eu não julgo mal meu pai, ele era um homem generoso e estava apenas reproduzindo as ideologias de sua época.

Eu ainda era uma criança, aceitei a reprimenda e o conselho como certos. Passei a aceitar a servidão feminina como natural, até chegar à adolescência. Essa fase é mesmo muito interessante, pois nos desperta um desejo vísceral por liberdade e justiça.

Minha mãe soube muito bem reproduzir esse sexismo (não teve escolha) e o máximo que era permitido aos meus irmãos era tirar o prato, que haviam comido, do lugar.

Um dia, num almoço de natal, aconteceu de minha mãe e tias saírem e eu ter ficado sozinha com toda a loiça natalina para lavar. Meus irmãos divertiam-se na sala e nem cogitaram em oferecer-me ajuda. Havia pilhas de pratos, vasilhas, copos, e brotavam talheres para lavar. Nas duas horas que passei fazendo aquela desagradável tarefa pude refletir sobre as injustiças que recaiam sobre as mulheres todos os dias. Enquanto, esfregava e raspava as formas queimadas dos assados, jurei a mim mesma que quando tivesse filhos daria uma educação igualitária tanto para as meninas quanto para os meninos, que dividiríamos as tarefas, teríamos os mesmos direitos e também que eu teria um companheiro cooperativo e compreensivo, e não um oportunista. Nesse dia, regado por lágrimas e indignação, tracei os planos para a educação de meus filhos e as regras de meu casamento.

Eu nunca entendi a servidão voluntária das mulheres e porque elas encaram-na de forma natural e imutável. Se, atualmente, a situação da mulher na sociedade melhorou muito, embora esteja aquém do ideal, é inconcebível que na esfera doméstica tenha-se avançado tão pouco.

O discurso religioso sempre legitimou a inferiorização das mulheres na sociedade, a filosofia fez o mesmo, Aristóteles, Hegel e Kant fizeram declarações extremamente pejorativas em relação às mulheres. Reconhecer e entender os discursos de legitimização sobre a suposta inferioridade das mulheres nos ajuda a entender porque nos organizamos socialmente do modo como estamos.

Vemos a desconstrução do feminismo em vários países do mundo, e em contrapartida assistimos ao crescimento do machismo e da opressão sobre as mulheres. Por que o feminismo não tem avançado se as condições de escolaridade melhoraram?

Há várias perguntas ainda sem respostas: Quais os discursos que legitimizam a desigualdade de gênero? É preciso entender os homens para entendermos o porquê de

nossa sociedade estar estruturada nessa lógica hierárquica de relações de poder? Por que as mulheres reproduzem, ainda hoje, ideias machistas? Por que o discurso religioso não evoluiu com a sociedade? Pois a religião ainda afirma que as mulheres devem submeter-se aos desejos e necessidades dos homens. Por que há poucas mulheres em cargos de liderança no mundo corporativo? Por que o índice de feminicídios em Portugal é tão alto? Qual o papel do Estado como legitimizador do discurso machista? Os *media* têm responsabilidade em propagar e cimentar discursos sexistas contra as mulheres? Por que a representatividade numérica das mulheres na política é tão pequena?

Infelizmente temos muito mais perguntas do que respostas. É primordial investigar cientificamente estes assuntos para ajudar-nos a encontrar respostas para estes questionamentos. É também fundamental promover a abrangência destes estudos por meio de publicações que sejam adequadas a cada tipo de público: como artigos científicos, livros, peças de teatro, bandas desenhadas, exposições de fotografia e arte, entre outros. É necessário conseguir sensibilizar também a população mais velha, pois uma boa parte dos feminicídios ocorre em contexto doméstico e são cometidos por homens com idade avançada. São projetos que demandam tempo, dedicação, recursos financeiros, uma equipe multidisciplinar e participação da sociedade.

O que podemos fazer individualmente em favor do movimento feminista? Penso que o primeiro passo é não educarmos filhos e filhas sexistas, essa é uma semente para plantarmos para o bem estar de todas as mulheres e famílias do futuro. A segunda etapa é estudarmos e aprendermos a identificar as ideologias que legitimizam a suposta inferioridade feminina e esforçarmos-nos para combatê-la, especialmente os homens. O engajamento dos homens é muito importante para o combate da misoginia e da violência contra as mulheres. O terceiro passo é essencial, pois evitará qualquer tipo de comportamento discriminatório em geral: ensinarmos nossos filhos a ter empatia, ou seja, ensiná-los a colocarem-se no lugar do outro.

Com certeza, estaremos construindo uma sociedade mais esclarecida e justa para todos, com relações mais igualitárias, onde as mulheres possam ter o direito de participarem das decisões políticas, de sentirem-se seguras em suas próprias casas, de serem ouvidas e valorizadas, como merecem, nos múltiplos papéis que desempenham.